

Por Antonio Penteado Mendonça



Quando se fala em seguro para o agronegócio, se fala basicamente no seguro rural, o seguro que protege a safra e garante a renda do agricultor. Faz sentido, mas é uma visão pequena de um universo mais amplo, onde os riscos que ameaçam a operação vão além dos que, pelas razões que forem, ameaçam a produção da propriedade.

É evidente que o seguro que protege a produção é importante. A quebra da safra tem consequências desastrosas e pode inclusive, dependendo do tamanho da área plantada e do grau de endividamento do proprietário, lavá-lo à inadimplência, com todo um rol de situações, entre elas a falência, causada pela impossibilidade de fazer frente aos compromissos assumidos.

Além disso, as possibilidades dos riscos que ameaçam a safra se transformarem em perdas são maiores do que os riscos que ameaçam as benfeitorias, edifícios, maquinismos e demais bens e etapas da operação.

Mas serem mais frequentes, não significa serem os mais graves. Ou os capazes de causarem os maiores prejuízos. Nós acabamos de assistir eventos climáticos severos se abaterem sobre o Rio Grande do Sul, com resultados dramáticos para áreas urbanas e áreas rurais.

Em algumas propriedades, prédios inteiros vieram abaixo, enquanto edifícios destelhados e com todo o seu conteúdo destruído eram imagens frequentes nas reportagens mostrando o acontecido.

Sedes de fazendas, casas de empregados, estábulos, tulhas, depósitos e silos destruídos, além de animais ao relento ou transferidos para outras propriedades, eram o pano de fundo para o desalento de pessoas que perderam o trabalho de uma ou mais gerações, tudo destruído pela violência dos elementos que se abateram brutalmente sobre suas cabeças.

O traço comum das entrevistas era a informação de que o que foi destruído não tinha seguro. Casas, celeiros, tulhas, estábulos, silos, maquinismos, tratores, máquinas agrícolas, praticamente todo o patrimônio atingido não estava segurado.

Este é um quadro comum no Brasil. A maioria das propriedades rurais não tem seguro de nenhum tipo, inclusive o seguro rural, que é contratado apenas por uma minoria de produtores mais esclarecidos ou mais bem informados. O grosso não sabe que pode contratar seguro para proteger seu patrimônio e que essas apólices podem ser mais importantes do que o seguro rural, porque, em caso de acidente, a destruição pode ser permanente, maior e mais cara do que a perda de uma safra. Ao ter as instalações e maquinismos atingidos, o agricultor fica sem possibilidade de voltar a operar enquanto não reconstruir e repuser as perdas sofridas.

Os seguros para esses riscos estão disponíveis e não custam caro. Seguros patrimoniais com

garantias para eventos de origem climática estão nas prateleiras das seguradoras e cobrem os danos sofridos pelos edifícios, instalações e maquinismos atingidos. Como a tendência é esses eventos se tornarem mais comuns, mais do que nunca é hora do agricultor pensar em se proteger.

Fonte: O Estado de São Paulo, em 07.08.2023.